

Ni hao

O mapa da China é complicado. Semana passada cometi aquela gafe terrível no seminário deixando Taiwan de fora do mapa chinês e disse para vocês que Hong-Kong não é China. Esta última afirmação é falsa. Hong-Kong era colônia inglesa mas foi devolvida à China em 1997. Por outro lado, meu visto é de 6 meses com uma saída obrigatória em até 90 dias desde a primeira entrada. Ou seja, em 90 dias tenho que sair da China e posso voltar. E para onde viajarei? Para Hong-Kong. Confirmamos até com a polícia chinesa. Ir para Hong-Kong é sair da China. Hong-Kong tem moeda própria, leis migratórias próprias, os carros são de mão inglesa mas faz parte da China, e é melhor eu evitar mapas em introdução de palestras de Matemática.

Segunda-feira foi um daqueles dias de “nihaos”. Passei o dia sozinha na minha sala, concentrada, lendo um artigo científico e procurando documentar o que entendi. O nihao mais satisfeito é o que recebo do porteiro do campus. Um chinês encorpado com o estereótipo de um porteiro. Chego no instituto cedo e ele transforma sua cara carrancuda num belo sorriso estranhando talvez o nihao de uma figurinha estrangeira.

Terça-feira, Matioli e eu fizemos um teste. Ele veio ao instituto de 333 e eu, ... bem, uma parada de ônibus 699, 10 min de caminhada, fila de raio X do metrô, uma estação de metrô, 15 min de caminhada. Saimos juntos e Matioli chegou ao instituto 5 min antes. Mas às vezes prefiro caminhar ao confinamento do ônibus.

Na terça recebemos um convite para dar uma palestra na Universidade Beijing Jiaotong. Quem nos convidou foi uma professora que conhecemos no congresso em Xiamen. Congresso significa contatos. As palestras serão na próxima quinta-feira. À tarde tivemos o seminário do nosso grupo. Filmaram alguns minutos. Parece que é para uma reportagem sobre a Academia.

Quarta-feira foi um dia de brincar de muda. Nem o porteiro estava na entrada para dizer nihao. Minha sala é no primeiro andar e a dos alunos de doutorado no quinto. Não os encontro com frequência. Almoçamos também em restaurantes diferentes. O meu cartão não vale para o restaurante deles e vice-versa. Falando em andar, minha sala é 211, no primeiro andar para os brasileiros mas segundo andar para os chineses. Aqui térreo é primeiro andar.

Às 18h recebi a visita de Mingyan Wang, um professor chinês com o qual eu havia trocado alguns e-mails ainda no Brasil. Em setembro ele havia solicitado os programas de um artigo que havíamos submetido para publicação. Comentei que viria para a China e ele me pediu um dicionário português-português. Após alguns desencontros, ontem ele pegou o dicionário. Contou que conhece o Iusem, pesquisador do IMPA, que veio para um congresso em Beijing em 2002. Iusem esqueceu algo pessoal no hotel. E aí foi ele que enviou pelo correio ao Iusem. Conheceu o Mario e a Ana, da Unicamp, quando os dois vieram para um congresso na China. O Wang adora o futebol brasileiro, disse que comer peixe é bom para a pele e recomendou que eu jamais abandone meus pais.

Quinta-feira vim tricotando um cachecol no 333. Foi uma ótima ideia para aproveitar o tempo. Além disso, recebemos o convite para um final de semana no Chunhuiyuan Hot Spring Resort em Beijing, organizado pelo Ya-Xiang. Irá todo nosso grupo de otimização e será uma semana antes do Natal.

Tenho jogado pingue-pongue com um dos meus alunos de doutorado. Eu trabalho aqui e ao final do dia passo a bola para ele. Enquanto eu durmo, ele trabalha aí no Brasil. Quando acordo, já recebo a bola novamente. Tem funcionado. Foi sobre este trabalho que apresentei na terça-feira da semana passada. Algumas questões ficaram no ar e temos tentado respondê-las. Quem sabe surge alguma boa ideia?

Sexta-feira amanheceu branca. Nevou bastante. Um momento mágico, em especial para o Matioli que era a primeira vez em sua vida que estava vendo neve. Essa é a vista da nossa sala no instituto



Estreamos nossos casacos novos e tiramos algumas fotos. O comentário é que no inverno passado só nevou em fevereiro. Este ano mal começou dezembro e já está nevando.

Às 17h, o Mingyan veio nos buscar para jantar. Ele me deu um nome chinês: Aili Kong. Kong (551-479 AC) é um filósofo social importante para os chineses e tem a mesma inicial de Karas. Aili significa simpática e seria como um encurtamento fonético de Elizabeth. Aqui os nomes são todos curtos. Na despedida ele falou que gostaria de marcarmos um próximo jantar com o Edilton e o Eduardo.





Nosso fogão é elétrico, de uma boca. É essa chapa preta embutida onde podemos controlar a temperatura. Temos preparado bons pratos nele. Até feijão. Mas ele só aquece se o fundo da panela cobrir a superfície circular marcada. Minha cafeteira é pequena demais para ele reconhecê-la. Então para preparar o café, uso o que apelidei de “rabo-quente”, aquele redondinho com cabo na foto. Consiste basicamente de uma resistência. Eu o trouxe do Brasil. Já foi útil em diversas viagens.

Reclamações sobre meu rabo-quente foram a gota d'água para sair do primeiro hotel. Está velho, com os parafusos completamente enferrujados, sujo pois evito ao máximo de mexer para evitar problemas, mas não falem mal dele, funciona. Às vezes pede a aposentadoria, soltando a ponta da resistência, mas com jeitinho volta a funcionar. Quinta-feira foi um desses dias. Mas não tinha como soltar o parafuso. Matioli e eu quebramos uma faca tentando soltar o tal parafuso. Pedi socorro na portaria e em três pessoas (zelador, porteiro e eu) e uma caixa de ferramentas, nada de soltar o parafuso. Na sexta à noite o zelador do hotel pediu o rabo-quente, passou duas horas mexendo, serrou o parafuso, e consertou. Mas, antes de me entregá-lo, o porteiro sentou no computador. Digitava em chinês e o tradutor do google traduzia para o inglês. Basicamente a mensagem dizia que as leis chinesas proibem o uso do rabo-quente no quarto e que eu não poderia mais usá-lo. O cara conserta o brinquedo e quer tirá-lo da mão da criança. Subi ao quarto, peguei a cafeteira, expliquei como funciona e conversamos sobre o problema do fogão do quarto. O zelador foi até o restaurante do hotel e voltou com uma chapa elétrica. Testamos mas também não reconhecia minha cafeteira. Após toda a discussão, o porteiro perguntou quanto tempo o rabo-quente fica ligado para preparar o café. Respondi sem titubear: 5 minutos. Voltou ao computador e digitou: “pode usá-lo mas não saia de perto enquanto estiver ligado”. Toda a conversa é em inglês precário, mas quando é uma instrução ele prefere apelar para o tradutor do google. E uma coisa é inegável: o pessoal do hotel é relmente muito especial. Tentam ajudar mesmo. Voltei ao quarto radiante com meu brinquedo na mão. Para mim e para o Matioli que fazemos questão de um café fresco foi um alívio. Eu costumo dizer que meu dia não começa antes de uma boa xícara de café. As primeiras coisas que coloquei na mala foram cafeteira, rabo-quente e dois pacotes de café.

Sábado amanheceu ensolarado e à tarde fui passear sozinha. Terça o Matioli deverá apresentar uma palestra ao grupo e precisava terminar de prepará-la. Decidi ir ao mercado da seda. Ao chegar lá me deparei com vários andares de pequenas lojinhas. Um andar só de calçados, outro de roupas femininas, masculinas, infantis, sedas, relógios, jóias, eletrônicos. Andares e andares de lojas. Você passa pelos corredores e as pessoas buzinando em seu ouvido, puxando você para dentro da loja, mostrando produtos, catálogos. Uma vendedora olhou para mim e disse: você já esteve aqui. Respondi, não. De onde você é? Do Brasil. Aí ela mostrou uma bandeirinha do Brasil no peito. Será que a bandeirinha muda instantaneamente com a resposta que a gente dá? São vendedores profissionais. A garota me puxou como se fossemos velhas amigas, falando algumas

palavras em português. Foi me colocando um agasalho esportivo. Eu disse que ela era gentil mas eu não precisava daquilo e fui saindo e ela gritando preços cada vez menores. Olhei um par de luvas. O cara me pediu 260. Fiz cara de desinreteste. Ele colocou as luvas nas minhas mãos e disse último preço, 50. Não gostei. Num outro momento perguntei o preço de uns hachis. A garota me disse 45 RMB. Falei que ela estava maluca e que eu pagava 8 RMB. Aí ela começa a querer negociar. Saí e ela gritou 8 RMB. Aí era eu que não queria mais. Há muita gente circulando com sacolas e sacolas. O que é um paraíso para muita gente, foi me irritando. Saí para a rua. Caminhei, respirei e achei um lugar para tomar um capuccino. Pensei em ir ao cinema, mas ainda não me informei a respeito. Voltei a caminhar pensando sobre o que escreveria para vocês. Foi quando percebi que nem uma foto eu havia tirado. Criei ânimo e voltei ao mercado da seda. Eu precisava documentar de alguma maneira.



Entrada principal da Rua da Seda. Como cheguei de metrô, entrei pela entrada subterrânea. Só vi essa entrada após tomar o capuccino

Ônibus e vans que chegam lotados de turistas. Vi algumas pessoas falando português. Perguntei e eram de Angola. Não é só no Brasil e em Portugal que se fala português. Depois vi uns brasileiros mas com uma conversa tão chula, que preferi ficar no anonimato.



Mercado da Seda: lojinhas entupidas de mercadorias.

Tirei as fotos e quando procurava a saída, vi uma bolsa que me chamou a atenção. Minha bolsa tem sofrido um bocado. Carrego nela meu laptop e às vezes por causa do peso a solto no chão sujo do ônibus. As sacolas dos supermercados são pagas. Então às vezes prefiro trazer alguma mercadoria dentro da bolsa mesmo. Enfim, minha bolsa estará estourada ao final da viagem e eu vou precisar de uma nova. Vi a bolsa, a garota da entrada já foi me puxando, dizendo que aquela bolsa foi feita para mim e aqueles papos de vendedora. Eu havia gostado da bolsa e estava disposta a saber o preço. A garota puxou uns bancos e nos sentamos. Aí vai nosso diálogo:

_ É uma bolsa PRADA legítima.

Rimos sobre o "legítima".

_ Eu garanto a qualidade. As argolas não descascam.

_ Se descascar, eu volto aqui.

_ Couro da melhor qualidade, acabamento de primeira. Você sabe tudo é feito na China hoje em dia. Mão-de-obra aqui é barata. A qualidade é excelente.

De fato, uma boa imitação.

_ O preço é 15.000 RMB, mas para você um preço especial, 10000.

_ Muito caro!

_ Ok. Preço final 6500.

_ Vim despreparada, moro em Beijing, é a primeira vez que vim ao mercado da seda, posso voltar outro dia, hoje só tenho 800.

_ Mas por 800 RMB você não compra nem uma de plástico.

_ É tudo que tenho. Tiro minha carteira da bolsa, o dinheiro e mostro a ela.

_ E eu vejo que você gosta de couro. Sua bota é de couro, sua bolsa é de couro, suas luvas são de couro.

A danada havia visto minhas luvas que estavam dentro da minha bolsa.

_ Sim, o couro no Brasil é ótimo.

_ Mas e o cartão de crédito?

_ Não uso. Moro em Beijing, tenho conta no Banco da China.

_ Então a gente passa o cartão.

_ Minha conta é modelo antigo. Só tenho o livrinho. Não tenho cartão. Cada vez que quero dinheiro preciso ir ao banco, pegar senha, ir ao caixa. É verdade.

_ Eu acredito em você.

_ Mas você tem certeza que não tem dinheiro em outro lugar da sua bolsa?

Dei uma risadinha. Eu tinha mais 1000 RMB junto com meu passaporte.

_ Nãaaaoo.

_ Façamos o seguinte: você me paga 800 hoje, te dou a bolsa, e você volta outro dia com 5700.

_ Nossa. Que loucura. Como vou reencontrá-la aqui?

_ Você fica com meu celular.

_ Qual seu nome: Lily?

_ Seu nome chinês?

_ Segredo. E o seu?

_ Elizabeth como da rainha.

_ Ai, eu acredito em você.

_ Eu quero a bolsa, você quer vendê-la, mas hoje não tenho dinheiro. Volto outro dia.

_ Mas hoje não foi um dia bom, preciso vendê-la. Meu patrão está brabo comigo.

Começa a apelar para o sentimentalismo.

_ Eu volto outro dia.

_ Vou ligar para meu chefe.

Liga, conversam menos de 2 min.

_ É seu dia de sorte. A bolsa é sua por 800 RMB para você voltar e comprar outras. Empacota a bolsa que vem com certificado de original, código de barra e tudo mais. Dou o dinheiro e mostro a ela meu cartão do metrô.

_ Sim, você mora em Bejing. Vai voltar para casa de metrô.

A abraço e agradeço.

_ Você voltará, rainha.

Com isso dá para perceber que é complicadíssimo fazer compras aqui. Você tem que saber o que quer, quanto custa e quanto você está disposto a pagar. No mercado da seda pelo jeito você deve oferecer um décimo do preço sugerido por eles.



Bolsa, com saco protetor, certificado de autenticidade com tarja magnética, cartão com código de barra e alguma história.

Consegue ler o texto logo abaixo de PRADA?
Made in Italy!
Dá para acreditar?

Entrei no site da Prada. Minha bolsa está lá por 1395 Euros. Pode conferir:

http://store.prada.com/en/PT/woman/handbags/shoulder-bags/BR4507_013_F0040

Eu queria uma bolsa e uma história. Consegui e estou satisfeita. Pensava em comprar presentinhos para vocês, mas já estou desistindo. Talvez o que dê é miniatura da murallha da China para todos. A gente se desgasta na pechincha e compra de kilo. Pensar em um presente especial para cada um está fora de cogitação. Peço desculpas mas não há tempo e paciência para tanta negociação.

Recebo e-mails que me deixam muito emocionadas, Vocês não tem ideia quanto me ajuda escrever para vocês e receber retorno. Uma dezena de pessoas já me disse que eu deveria pensar em publicar um livro com estas histórias. Quem sabe aparece algum editor interessado. O importante no momento é que escrever tem me dado prazer.

Um dos comentários que me emocionou: os seus olhos são olhos curiosos, são olhos que a gente quase consegue ver brilhar através das suas palavras.

Agradeço o carinho de vocês.

PS.:

1) Agora os semanários estão disponíveis na minha página pessoal. Basta acessar:

<http://people.ufpr.br/~ewkaras/outros/china.htm>

Se você perceber algum erro de português ou mesmo de digitação nos semanários, por favor me passe, assim pelo menos na página ficam corrigidos.

2) Marianas, não recebi as respostas da semana passada. E aí vão mais duas perguntas:

a) Quanto custou minha imitação da bolsa Prada em reais? Um real é 3,5 RMB.OK, para facilitar pode pensar em 3 RMB.

b) Se 1 euro (a moeda da união europeia) vale R\$ 2,40, e a bolsa original custa 1395 Euros, quanto ela custa em reais?

Dica: Uma das contas é de divisão e a outra é de multiplicação.

Beijos

Elizabeth

Beijing, 4 de dezembro de 2011.